

Esforço para cortar remessas

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A redução das remessas de divisas para o Exterior a título de pagamento da dívida externa brasileira é um objetivo a ser perseguido com tenacidade, seja através da renegociação das taxas de juros ou pela transformação da dívida em investimentos. A afirmação foi feita ontem pelo ministro do Planejamento, João Sayad (foto) ao falar sobre a viagem do presidente José Sarney aos Estados Unidos.

“Nós temos de conseguir proteções contra a volatilidade das taxas de juros internacionais, para que possamos adotar uma posição mais generosa em relação às importações. Atualmente, a economia brasileira apresenta condições favoráveis para uma negociação mais ampla com nossos credores, sem que tenhamos que necessariamente recorrer ao Fundo Monetário Internacional”, diz o ministro.

João Sayad afirma que existe da parte dos credores brasileiros boa vontade em relação à transformação de parte da dívida brasileira em investimentos, mas que o governo está estudando esta conveniência, pois, com as taxas de juros girando em torno de 6%, poderá ser mais conveniente manter o capital estrangeiro a título de dívida. Isto porque, segun-



do Sayad, a legislação para as remessas de investimentos permite transferir até 12% do total anualmente para o Exterior.

O ministro do Planejamento assegurou que não existe, de parte do governo, qualquer disposição em alterar a legislação sobre a remessa de lucros, apesar da retração de investimentos diretos no País nos últimos anos. “Nossa legislação a este respeito é antiqüíssima, e não estamos estudando qualquer mudança. A queda nos investimentos deve decorrer das próprias condições econômicas do mercado financeiro internacional.”

Ao analisar os resultados da viagem do presidente José Sarney aos Estados Unidos, Sayad disse que eles foram os esperados, já que não havia objetivos que não fossem os de fixar as políticas de relacionamento entre os dois países. “Não houve nada de supreendente, já que eram conhecidas as posições brasileiras quanto a não recorrer ao Fundo Monetário Internacional para a renegociação da dívida externa”, diz o ministro.

Sayad nega que tenha havido qualquer tipo de pressão da parte do presidente Ronald Reagan ou de qualquer outra autoridade norte-americana para que o Brasil recorresse ao Fundo. “Nós vamos negociar diretamente com o comitê de bancos credores, como está ocorrendo agora no Clube de Paris, onde se encontram o ministro Dilson Funaro e o presidente do Banco Central, Fernando Bracher”, afirma o ministro.